



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Medicina - Internato Rural (DMPS)
Copasa
Secretaria de Recursos Hídricos do MMA
Prefeituras municipais da bacia

Manuelzão

INFORMATIVO DO PROJETO MANUELZÃO DE REVITALIZAÇÃO DA BACIA DO RIO DAS VELHAS

BELO HORIZONTE ABRIL-MAIO/1999 ANO 3 Nº8 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

APA Andorinhas agoniza em Ouro Preto



Depois de um mês de intensa investigação, o Manuelzão divulga, nesta e na próxima edição (junho e julho), a calamidade em que se encontra a APA Andorinhas (onde nasce o Rio das Velhas), cruelmente

atingida pela extração de quartzito (acima), pela poluição (à direita) e pelo descaso da sociedade e dos poderes constituídos.

páginas 6 e 7 (1ª parte)



Caminhada e Abraço

Uma "Caminhada Ecológica" no próximo dia 5 de junho (sábado), a partir das 8h30, saindo da praça Milton Campos (alto da Afonso Pena) em direção ao Parque Municipal, é uma das atividades que o Projeto Manuelzão e diversos outros órgãos e entidades ambientalistas de MG, realizarão para comemorar o Dia Mundial do Meio Ambiente. A outra atividade é o "Abraço na Lagoa da Pampulha", que acontece no dia 12 de junho (sábado), a partir das 9 horas.

Ambos os eventos, pelo significado social, político e educacional que abrigam, reforçam a tese de que a participação de todos ainda é o melhor caminho na defesa do meio ambiente.



A genial "Gerais Big Band", da Escola de Música da UFMG, à frente o maestro Paulo Lacerda, deu o toque especial no aniversário do Projeto Manuelzão.

Página 5

P·r·ó·x·i·m·a e·d·i·ç·ã·o

APA Andorinhas (2ª Parte)

- De quem é a responsabilidade?
- Qual a posição da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Ouro Preto?
- Vereadora denuncia descaso da Prefeitura.
- O que pensam os moradores de São Bartolomeu.

Novos telefones do Projeto Manuelzão
248-9817 e 248-9819
Fax: 226-5426

Editorial

Ingenuidade dolosa

A expectativa em torno da eleição do novo presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas (CBH-Velhas), paradoxalmente vem sendo esvaziada pelas incertezas que rondam o assunto. Discutido à exaustão por órgãos públicos, entidades ambientalistas e Ong's em cinco prestigiadas reuniões coordenadas pelo Igam desde setembro de 1997, inexplicavelmente(?), o tema voltou à estaca zero, empoeirando-se de vez dentro das gavetas públicas.

"Refêm da burocracia, o CBH-Velhas continua no limbo das questões ambientais para as quais foi criado".

Ora, o argumento de que o pleno funcionamento do Comitê está condicionado à regulamentação da Lei 13.199 publicada recentemente, não suporta a menor contra-argumentação, além do que só serve para reforçar a inoperância que habita as interfaces dos grandes projetos sociais. Se a criação do CBH-Velhas está fundamentada no princípio de que a gestão dos recursos hídricos deve ser descentralizada e participativa com a sociedade civil, não há porque ficar à espera de propostas surgidas das esferas governamentais. É perfeitamente viável começar a agir, enquanto se aguarda a regulamentação da 13.199. Nesse sentido, vale a pena

reler parte do trecho da apresentação que o ex-secretário de Recursos Hídricos do MMA, Paulo Afonso de Romano, fez por ocasião da criação da SRH: "A nova ordem é o cidadão ou grupo de cidadãos, que deve buscar alternativa para resolver os problemas da água, levando-se em conta as necessidades e dificuldades vivenciadas pelas próprias comunidades".

Com o Comitê realmente existindo sem o estigma da inocuidade que o persegue, e baseado na recente

lei, buscar-se-á, com a criação das Agências D'água, seu braço executivo, o controle e a cobrança pelo uso desses recursos, única forma de selecionar o poluidor-pagador do usuário-pa-

gador. A lógica de funcionamento do Comitê do Velhas, do qual dependem 51 municípios e 3,8 milhões de habitantes, pressupõe a mobilização radical de toda a sociedade civil, numa intervenção exógena em relação às estruturas do poder. Só assim será possível contrapor à ingenuidade dolosa de achar que a despoluição e revitalização da bacia do Velhas só pode começar a partir de seu Comitê ou das leis que o regulamentam. Esta é a impressão que se tem, por mais que os seus membros, em nível pessoal, invistam seus esforços para agilizar o processo demandado pela importância social e econômica do Comitê.

C·a·r·t·a·s

HOMENAGEM

Tenho a satisfação de comunicar-lhes que a Fiemg decidiu homenagear o Projeto Manuelzão com o título de "Construtor do Progresso-Categoria: Integração, Cidadania, Saúde e Meio Ambiente". A entrega do título ocorrerá durante as comemorações do Dia da Indústria.

Stefan Bagdan Salej - Presidente

PARABÉNS

Agradeço a remessa do exemplar n.º 7, do Manuelzão, aproveitando para ressaltar as matérias nele veiculadas, que demonstram profunda preocupação do Projeto pela revitalização da bacia do Rio das Velhas. Parabéns.

Senador Arlindo Porto

COMPETENTE EQUIPE

É com imenso prazer que comunico-lhes o recebimento do exemplar tão bem elaborado do Manuelzão. Parabênzo a todos os integrantes desse Projeto por esse trabalho.

Deputado Adelino de Carvalho

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Recebemos o Jornal Manuelzão sobre o qual nossa escola só tem elogios a fazer. Os coordenadores do trabalho estão de parabéns pela qualidade do mesmo.

Neide Maria A. Rocha, diretora da Escola Estadual Carlos Góes.

UMA FORÇA

Tenho 19 anos, sou estudante e estou tentando vestibular para Biolo-

gia. Queria parabenizar a equipe do Projeto Manuelzão pelo trabalho que vocês tem feito para recuperar o Rio das Velhas. Se todos tivessem a mesma consciência e ajudassem um pouco, como vocês fazem, o nosso planeta seria outro. Minha cidade, que tem 30 mil habitantes, por exemplo, não tem tratamento de lixo. Todo o resto do que consumimos vai pro lixo. Preocupado com essa situação, pretendo começar a fazer adubo orgânico e papel reciclado. Porém, para fazer o papel preciso das telas e das colas especiais, e não sei como conseguir. Outro problema em minha cidade é o número cada vez maior de pedreiras que vem aumentando e destruindo a paisagem. Queria saber se vocês podem dar uma "força" para solucionar estes problemas. Gostaria de passar a receber o jornal MANUELZÃO em minha casa. Infelizmente, como sou apenas estudante e estou desempregado não posso ajudar com contribuição em dinheiro, mas envio aqui alguns artigos e algumas poesias que escrevo para o jornal de minha cidade, e se vocês quiserem publicar no MANUELZÃO ficaria muito feliz. O jornal no qual publico estes artigos tem mostrado certo interesse pelo meio ambiente e o desenvolvimento sustentável de nossa cidade, portanto deixo o endereço deles para que vocês lhes envie também o MANUELZÃO.

Frederico Araújo Mesquita Itapeperica

GRAVE DENÚNCIA

Do município de Várzea da Palma, recebemos duas denúncias contra a Italmagnésio Nordeste S/A (foto), que produz ferro sílico e "polui criminosamente o Rio das Velhas". Com a palavra, a Fundação Estadual do Meio Ambiente (Feam), a quem encaminhamos as duas correspondências.



PARCERIAS

IICA
INSTITUTO INTERAMERICANO
DE COOPERAÇÃO PARA
AGRICULTURA

UFMG

FACULDADE DE MEDICINA
DEPARTAMENTO DE MEDICINA PREVENTIVA E SOCIAL
INTERNATO RURAL

SRH / MMA
SECRETARIA DE
RECURSOS HÍDRICOS

MUNICÍPIOS
DA BACIA

COPASA MG

Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais
Caixa Postal 340 - Av. Alfredo Balena, 190 sala 10012. Santa Efigênia.
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. CEP: 30130-100.
Telefones: (031) 248-9817 e 248-9819 - Fax: (031) 226-5426
e-mail: apolohl@medicina.ufmg.br - www.medicina.ufmg.br/manuel

Coordenadores: Professores Apolo Heringer Lisboa, Antônio Leite Alves, Marcus Vinícius Polignano, Antônio Thomaz da Mata Machado, Ernandes de Barros Moreira

Gerente Administrativa: Maria Aparecida Santos e Santos

Redação e Edição: Rogério Bastos - MTB 2.357 DRT/MG

Projeto Gráfico e Diagramação: Interativa D&C- 291-2888

Marca do Projeto Manuelzão: Carla Coscarelli

Fotos: Arquivo Manuelzão

Impressão e Fotolito: Segrac

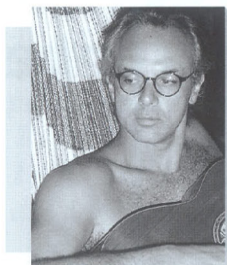
Circulação: Bimestral

Tiragem: 10.000 exemplares

Envie sua contribuição para o Jornal Manuelzão. Caso você deseje receber este jornal em sua casa, escreva-nos e solicite sua assinatura gratuita.

É permitida a reprodução de matérias e artigos, desde que citados a fonte e o autor. Os artigos assinados não exprimem necessariamente a opinião dos editores do Manuelzão.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



Os Gerais sem água

Carlos Eduardo Mazzetto Silva (*)

"... Minha terra representa o elevado reservatório, a caixa d'água, o coração branco difluente, multivergente, ... minha terra é doadora plácida"

Esta frase de Guimarães Rosa mostra como o grande escritor mineiro enxergava os Gerais – chapadas cobertas de cerrados – como a grande caixa d'água brasileira.

A chave desse fenômeno contraditório – um sertão com tanta água está na capacidade dos solos de chapada em absorver a água e deixá-la infiltrar, e na característica poupadora de água dos cerrados, que, ao crescer e transpirar pouco, permite que grande parte da água que cai, infiltre no solo e abasteça o lençol freático, garantindo, assim, a vazão expressiva desses cursos d'água.

Mas os tempos de G. Rosa já se foram, e a água farta do sertão, descrita pelo escritor já não corre. Monoculturas de eucalipto – ao contrário dos Cerrados, grandes consumidores de água – tomaram boa parte das chapadas. Os pivôs centrais sugam avidamente as nascentes, areiras desmontam os morros e enchem os rios de areia. Guimarães Rosa ficaria horrorizado. As águas do Norte

de Minas estão acabando, sugadas e soterradas pelo "desenvolvimento". Milhares de famílias de pequenos agricultores não têm mais água para dar aos animais, nem para irrigar sua pequena horta. Para beber, vão afundando cada vez mais suas cisternas, pois, naturalmente, o lençol freático abaixa de nível a cada dia. É a vida no sertão mineiro se esvaindo.

A alegação de que hoje chove menos não vingará. Os dados da Estação Meteorológica de Montes Claros, colhidos desde 1905, mostram que não há variação significativa no montante de chuva que cai anualmente. O que mudou foi o uso da terra e da água, e pior, com incentivos e créditos governamentais, como é o caso das monoculturas de eucalipto e da grande irrigação.

Casos como dos rios S. Lamberto, Riachão e Verde Grande são conhecidos e divulgados há muitos anos, sendo que nada foi feito de efetivo até aqui pelos órgãos responsáveis para resolver esses problemas. Agora, também, os rios da bacia do Rio Pardo estão secando em função das monoculturas de eucalipto.

(*) Engenheiro Agrônomo



Peixes e meio ambiente

Paulo dos Santos Pompeu (*)

Até pouco tempo, os ambientes aquáticos eram vistos como sistemas isolados com pouca interação com o seu entorno. Hoje, sabe-se que a maioria dos problemas enfrentados pelos rios e lagos, como poluição, assoreamento e mortandades de peixes é consequência da ocupação e das atividades humanas em suas bacias de drenagem.

Assim, como resultado do nosso modelo predatório de exploração dos recursos naturais e do crescimento exponencial das populações humanas, um número cada vez maior de organismos aquáticos se encontra ameaçado. O fato de viverem e dependerem de um ambiente que reflete direta ou indiretamente as atividades humanas na bacia, faz dos organismos aquáticos bons indicadores de degradação ambiental. Dentre estes, os peixes podem ser destacados por algumas razões: por se situarem no topo da cadeia alimentar, os peixes incorporam as mudanças adversas que ocorrem nos outros componentes do ecossistema aquático; são sensíveis a uma grande variedade de poluentes e de modificações no ambiente e devido ao seu valor alimentar, econômico e social, podem ser utili-

zados para avaliar o custo social da degradação ambiental.

Por todos estes motivos, o estudo e o acompanhamento das comunidades de peixes podem fornecer um grande número de informações sobre a qualidade de vida e a situação ambiental de toda a bacia hidrográfica. Não poderia ser mais feliz a escolha do objetivo do Projeto Manuelzão: a volta dos peixes ao rio das Velhas.

O último estudo detalhado sobre os peixes do rio das Velhas foi realizado pelo pesquisador dinamarquês Lütken, e publicado em 1875 na monografia intitulada "Velhas Flodens Fiske". Através do projeto Manuelzão, será realizado este ano um novo levantamento de peixes. Comparações entre os nossos resultados e os encontrados por Lütken permitirão avaliar as alterações na ictiofauna deste rio, passados mais de cem anos. Período em que ocorreu uma acentuada degradação do meio ambiente na bacia, marcada por um grande aumento da ocupação humana com a implantação de Belo Horizonte.

(*) *Biólogo, Mestre em Ecologia, Conservação e Manejo de Vida Silvestre pela UFMG*

"Os peixes e os rios, pelo que significam, mantêm importante relação de causa e efeito ambiental"

Ponto de Vista

O que impede as APA's de cumprirem suas finalidades ambientais?



José Cláudio J. Ribeiro
Presidente da Feam-Fundação Estadual do Meio Ambiente

As Áreas de Proteção Ambiental (APA's) têm como finalidade de garantir a proteção ambiental das áreas de relevante interesse público, a fim de assegurar o bem estar das populações humanas e conservar ou melhorar as condições ecológicas locais, através do estabelecimento de normas para limitar ou proibir o desenvolvimento de atividades potencialmente degradadoras que coloquem em risco estas condições. O zoneamento das APA's é fundamental para garantir este processo.



Vânia Cerqueira Barbosa
Técnica em Planejamento Ambiental

A experiência adquirida no período em que a supervisão das APA's era atribuição da Feam tornou evidente a falta de uma política bem definida

para a implementação das APA's que efetive os incentivos previstos em lei. Ressalte-se os desafios do ordenamento territorial que implicam em restrições adicionais, gerando resistência de alguns segmentos da sociedade. Outra questão é a participação da comunidade, ainda incipiente, pela falta de estrutura do poder público.



Regina Mª F. Camargos
Mestre em Geografia pela UFMG

Um dos motivos é o aspecto inovador da categoria. A APA pressupõe o envolvimento, a intenção da comunidade em participar da gestão da unidade. Quando a categoria foi criada, em 1981, sua proposta era bem avançada para o momento. Naquele período, as unidades de conservação eram criadas e administradas de uma maneira centralizada, unilateral, de acordo com um modelo que se afirmou durante o período militar, um modelo que fazia parte de uma política geral de controle ambiental.

multiMeio

Questionário de Auto-Avaliação

1. AR

a) Você faz regulagem periódica do motor do seu carro?
 Sim Não

b) Você tem o hábito de queimar o lixo?
 Sim Não

2. ÁGUA

a) Durante a escovação dos dentes você deixa a torneira aberta?
 Sim Não

b) Seu banho demora mais do que 10 minutos e você costuma tomá-lo sempre nas horas de "pico" de consumo (entre 18h e 20h)?
 Sim Não

c) Você tem o hábito de "varrer" as calçadas e quintais com a força da água?
 Sim Não

3. RESÍDUOS (Lixo)

a) Você costuma deixar sobras de comida no seu prato?
 Sim Não

b) Você faz reutilização das embalagens dos produtos que consome?
 Sim Não

c) Você coloca o lixo na lixeira e o acondiciona corretamente para a coleta do serviço público?
 Sim Não

4. CONSUMO

a) Você procura saber, nos rótulos dos produtos que consome, se as empresas têm preocupações ambientais, tais como consumo menor de energia em eletrodomésticos, investimentos em programas ambientais?
 Sim Não

b) Você dá preferência à compra de produtos recicla-

dos e recicláveis (que podem ser reciclados)?
 Sim Não

c) Você prefere adquirir produtos que não contenham CFC (principal elemento degradador da camada de ozônio)?
 Sim Não

5. ENERGIA

a) Você tem o hábito de verificar e acompanhar o seu consumo de energia elétrica mensal?
 Sim Não

b) Você deixa a luz acesa dos cômodos de sua casa quando não tem ninguém presente?
 Sim Não

c) Você deixa acumular roupa para passá-la de uma vez por semana apenas?
 Sim Não

6. QUALIDADE AMBIENTAL

a) Você tem conhecimento dos problemas ambientais do seu bairro?
 Sim Não

b) Você participa de programas ambientais na sua comunidade?
 Sim Não

c) Você se interessa por soluções que dizem respeito ao Meio Ambiente?
 Sim Não

d) Você conhece seus direitos e deveres constantes na Legislação Ambiental?
 Sim Não

e) Você mantém animais silvestres em cativeiro ou compraria algum?
 Sim Não

f) Você joga lixo no chão, pela janela do seu carro ou quando anda na rua?
 Sim Não

Gabarito: 1a-S; 1b-N; 1c-N; / 2a-N; 2b-N; 2c-N; / 3a-N; 3b-S; 3c-S / 4a-S; 4b-S; 4c-S / 5a-S; 5b-N; 5c-S / 6a-S; 6b-S; 6c-S; 6d-S; 6e-N; 6f-N.

Pontuação

Conforme o gabarito, para cada resposta correta atribua o valor 1 e para cada resposta incorreta, o valor 0.

Se você fez de 18 a 21 pontos: Parabéns! Você é consciente da importância e da necessidade de que cada um faça a sua parte

Se você fez de 12 a 17 pontos: Muito bom! Você já está mobilizado. No entanto, é necessário que você aumente sua parcela de contribuição.

Se você fez menos de 12 pontos: Interesse pelo meio ambiente. A melhoria dele só depende de você.

Fonte: Fascículo "Meio Ambiente - responsabilidade de cada um" da Cia Vale do Rio Doce.

Copasa vai construir ETE's e melhorar meio ambiente

Seis milhões de pessoas serão beneficiadas com obras de coleta e tratamento de esgoto

A construção das Estações de Tratamento de Esgoto (ETE's) nos ribeirões do Onça e do Arrudas, afluentes do Rio das Velhas, e em Betim (Região Metropolitana de Belo Horizonte) nos afluentes do Rio Paraopeba, são as três das principais obras que a Copasa vai realizar até o final do ano 2.002. Com essas ETE's, orçadas em R\$ 200 milhões, cerca de 6 milhões de pessoas que habitam a bacia hidrográfica do Rio das Velhas e a RMBH serão beneficiadas com o tratamento de 90% do esgoto coletado.

De importância fundamental para a coleta e interceptação de esgotos, as ETE's integram a parte final do Programa de Saneamento Ambiental (Prosam), do qual a Copasa é parceira junto com as prefeituras de Belo Horizonte e Contagem, além da Fundação Estadual de Meio Ambiente (Feam) e do próprio governo de Minas Gerais.

Alcance Social

Para o engenheiro sanitário e recém empossado diretor de Operações Metropolitanas da Copasa, Rômulo Thomaz Perilli, sobre o qual recai a responsabilidade de comandar todo o sistema de coleta e tratamento de esgoto dos municípios da RMBH operados pela estatal, o desafio da construção das ETE's, que é uma antiga reivindicação dos ambientalistas mineiros, é compensado pelo sentido social que estas



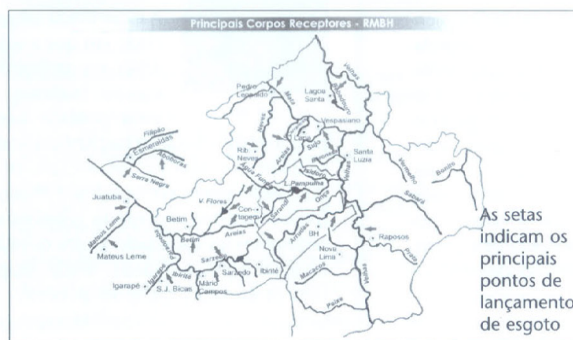
Rômulo T. Perilli, diretor de Operações Metropolitanas da Copasa: "nosso trabalho vai ao encontro das demandas ambientais"

obras contemplam. Com a experiência acumulada em quase três décadas de Copasa, Perilli acredita que as estações de tratamento vão muito além de sua função de coletar e tratar esgotos: "É óbvio, defende ele, que as ETE's integram um conjunto de ações amplas de preservação ambiental (veja o exemplo do Projeto Manuelzão), onde está implícita a melhoria na saúde e na qualidade de vida das pessoas, especialmente daquelas de menor poder aquisitivo. "Com certeza é uma obra preventiva, que tem muito a contri-

buir com o meio ambiente em seus 20 anos de vida útil", orgulha-se Perilli.

Rio das Velhas

Paralelamente à construção das ETE's cuja responsabilidade operacional ainda está sendo discutida (pode ser da iniciativa privada ou não) a Copasa, através dos Planos Diretores de Esgoto (PDE) tem outro desafio pela frente no âmbito ambiental: conseguir recursos para implantar coleta e tratamento de esgoto nos municípios da Grande BH (Santa Luzia, Pedro Leopoldo, São José da Lapa, Raposos, Vespasiano, Ribeirão das Neves, são alguns deles) que degradam o Rio das Velhas. Com a viabilidade técnica e social da obra já esclarecida, o PDE busca, agora, encontrar caminhos para conseguir os R\$ 66 milhões que serão gastos. "É um projeto tecnicamente mais modesto que as ETE's, mas que tem o mesmo significado social", garante o diretor Rômulo Perilli.



Projeto Manuelzão comemora 2 anos

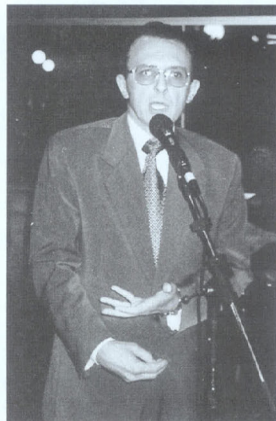
Para marcar seus dois anos de trabalho pela revitalização da bacia hidrográfica do Rio das Velhas, período em que atuou em **15** municípios situados às margens do Rio das Velhas, mobilizou **240** acadêmicos de medicina e realizou nada menos que **36** mil atividades, beneficiando cerca de **50** mil pessoas, o Projeto Manuelzão reuniu, no último dia 05 de março, no restaurante da Praça de Serviços da UFMG, em torno de um happy hour, autoridades, prefeitos municipais, professores, estudantes e ambientalistas de Minas Gerais. A Gerais Big Band, da Escola de Música da UFMG, sob regência do professor e maestro Paulo Lacerda foi um destaque à parte. A apresentação talentosa, diversificada e envolvente fechou, com chave de ouro, as comemorações de aniversário do Projeto Manuelzão.



Prof. Apolo Heringer Lisboa, coordenador do Projeto Manuelzão, entre o secretário municipal de Governo Paulo Lotti (à esq.) e o secretário municipal adjunto de Meio Ambiente, Paulo Maciel, ambos de Belo Horizonte: "parabéns a todos os estagiários de hoje e de ontem; funcionários, professores e colaboradores que fazem o dia-a-dia do Manuelzão"



Paulo Lott, secretário municipal de Governo, representando o prefeito Célio de Castro: "O Projeto Manuelzão é a crença definitiva num futuro com qualidade de vida"



Geraldo Brasileiro Filho, vice-diretor da Faculdade de Medicina da UFMG: "A pesquisa e a extensão universitárias são garantidas com o Manuelzão"



Da esq. para a direita, a equipe da Copasa: engenheiros Murilo Torres e Cristina Shembri; deputado Fábio Avelar e superintendentes Gelton Abud, Luiz Nogueira e Frederico Dávila



Vista parcial do restaurante da UFMG, que esteve superlotado no happy hour do Manuelzão.



O secretário executivo do Ministério do Meio Ambiente (MMA), José Carlos de Carvalho, à esq. do ex-reitor da UEMG e da UFMG, professor Aluísio Pimenta.



A "Gerais Big Band, da Escola de Música da UFMG, sob regência do professor e maestro Paulo Lacerda

APA Andorinhas, abar

Implantação do projeto esbarra, também, na dificuldade de conciliar atividades econ

(Art. 2º da Lei nº 9.605 de fevereiro de 1998 – Lei de Crimes Ambientais)

"Quem, de qualquer forma, concorre para a prática dos crimes previstos nesta Lei, incide nas penas a estes cominadas, na medida da sua culpabilidade, bem como o diretor, o administrador, o membro de conselho e de órgão técnico, o auditor, o gerente, o preposto ou mandatário de pessoa jurídica, que, sabendo da conduta criminososa de outrem, deixar de impedir a sua prática, quando podia agir para evitá-la."

As saudosas e isoladas ações do modesto grupo Gênesis ou da entidade Amigos do Meio Ambiente (AMA), em defesa do Parque Municipal da Cachoeira das Andorinhas, que integra os 18.700 hectares da Área de Proteção Ambiental (APA Cachoeira das Andorinhas), localizada na controvertida Ouro Preto (75 mil habitantes), a 100 Km de Belo Horizonte, ainda são as únicas e honrosas manifestações de peso contra o abandono a que está submetida aquela área e suas riquezas naturais, desde que foi criada pelo governo estadual, em 16 de outubro de 1989.

Cúmplices

Não é de hoje que a área sofre indefesa nas mãos da degradação humana. Bem antes da amorfa APA ser criada, em 1985, o Parque das Andorinhas, que abriga as nascentes do Rio das Velhas e do Rio Doce, embora tombado pela distante Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), já era vítima da ganância da Mineração Morro Velho. Na época, sob as bênçãos do Alvará de Pesquisa 219, concedido pelo Departamento Nacional de Pes-

quisa Mineral (DNPM), a empresa estava autorizada a explorar ouro na região. O projeto não foi adiante, mas as seqüelas deixadas pela orgia do desmatamento promovida pela Morro Velho são nítidas até hoje. "É incalculável o prejuízo que a Morro Velho deixou, confirma o vereador e representante dos moradores do Morro São Sebastião, Geraldo Afonso de Oliveira. A Cachoeira das Andorinhas tinha de 2 a 3 metros de altura. Por causa dos desmatamentos, explosivos, queimadas e assoreamentos, restou um filete d'água, exatamente onde nasce o Rio das Velhas. Na verdade, a degradação da região é resultado de uma rede de omissões, onde são cúmplices a sociedade civil e os poderes constituídos", desabafa Geraldo Afonso.

No vai-e-vem dessa rede citada pelo vereador, é possível imaginar o quanto é difícil dar crédito à eficácia do decreto 30.264 que criou o APA Andorinhas, num país onde se permite o cruel desmatamento de 532 mil Km² da Floresta Amazônica (área equivalente à França), diante de um melancólico Iba-ma. Sem ser digressivo, também é possível assemelhar a gravidade dos motivos que



donada, pede socorro

1ª PARTE

micadas com preservação ambiental



A degradação nas proximidades da nascente do Rio das Velhas (comunidade de São Bartolomeu) e a extração de quartizito (abaixo à esquerda), que continua em franca atividade no Morro São Sebastião, se contrapõem às isoladas e saudosas campanhas de coleta de lixo no Parque Municipal Andorinhas



fizeram surgir essa área de proteção com o sepulcral abandono em que ela se encontra, cada vez mais reforçado por uma indigesta e dolosa transferência de responsabilidades sobre o caso, mantida com elegância entre a Feam, o IEF e a Prefeitura Municipal de Ouro Preto.

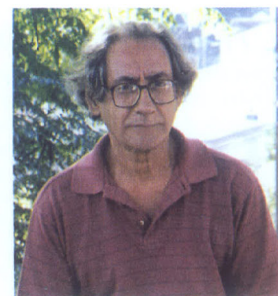
Divergência

Três segmentos de discordâncias e conflitos habitam os bastidores deste assunto. Dois deles se situam em Ouro Preto: o das "vítimas" da APA, formados por gente humilde que mora nas comunidades do São Bartolomeu e São Sebastião. E o do pessoal "politizado", formado por professores, lideranças políticas e técnicos ambientalistas. O outro segmento, "mais politizado ainda", embora com o estigma de pertencer ao aparelho estatal que comanda a política de meio ambiente de Minas Gerais, é constituído por técnicos e administradores da Fundação Estadual do Meio Ambiente (Feam), e do Instituto Estadual de Florestas (IEF), ambos pertencentes à Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad).

Parte do conflito que se arrasta há 10 anos em torno da APA Andorinhas, reside nas próprias características atribuídas a esta alternativa de preservação, que diferem em muito dos parques. No caso das APA's, o objetivo é o ordenamento territorial, sem prejuízo dos proprietários

das terras e das atividades econômicas. Para o coordenador técnico do Ibama/Semad, zootecnista Alison José Coutinho, essa diferença em relação aos parques, "exige uma intensa negociação entre o poder público e os proprietários das terras que abrangem a área de preservação. "Com relação à Andorinhas, advoga Coutinho, está faltando uma maior participação da comunidade, utilizando seu principal instrumento de gestão". Como "instrumento de gestão", Coutinho considera o desacreditado Conselho Consultivo da APA Cachoeira das Andorinhas, braço executivo da Feam, criado há 10 anos para planejar, promover e preservar o desenvolvimento da região, com o envolvimento de órgãos ambientalistas, poderes públicos, representantes dos produtores locais e sociedade civil. O sonho sociológico de Alison Coutinho, de ver as comunidades das Andorinhas, politizadamente, utilizando o tal "instrumento de gestão", desmanchou-se depois de duas ou mais reuniões. Um dos principais membros do Conselho, fazendeiro-ambientalista, há 12 anos em São Bartolomeu, Ronald de Carvalho Guerra, atribui o óbito precoce do Colegiado à apatia da Feam, "que criou a APA desconectada de um todo social, de costas para história cultural e econômica da região", comenta Ronald.

(continua na próxima edição de junho-julho)



Bruno Vasconcelos Bastos: "Como sempre viveu das luzes da ribalta, a prefeitura de Ouro Preto não se interessa pela vida do Parque das Andorinhas".



Ronald C. Guerra, que tenta preservar e desenvolver a área, "apesar da Feam"



Alison José Coutinho, técnico do Ibama/Semad, atribui parte do fracasso da APA Andorinhas à comunidade de Ouro Preto

ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL (APA'S)

Nº	NOME	OBJETIVOS
01	Fernão Dias	Proteger a cobertura vegetal relevante;
02	Serra São José	Promover a proteção da fauna;
03	Águas Vertentes	Manter ou promover a melhoria da qualidade dos recursos hídricos;
04	Mata do Krambek	Proteger os recursos do solo, subsolo e rochas;
05	Mariana	Contribuir, através de ações de educação ambiental, para que a população seja integrada nas medidas e práticas conservacionistas.
06	Cachoeira das Andorinhas	
07	Lagedão	
08	Serra do Sabonetal	

Manuelzão e Corinto realizam seminário

Prestigiado por 200 professores, sucesso do evento mobiliza escolas municipais e alunos para o meio ambiente

Já a partir do próximo semestre letivo, o tema meio ambiente estará fazendo parte da grade curricular do ensino municipal em Corinto, cidade localizada na região Norte de Minas, há 220 Km de Belo Horizonte. Essa é a principal iniciativa decorrente do seminário "Meio Ambiente: responsabilidade de todos", realizado pelo Projeto Manuelzão e Secretaria Municipal de Educação daquela cidade, entre os dias 19 e 20 de março deste ano.

Aberto pelo coordenador do Projeto Manuelzão, Apolo Heringer Lisboa, que discorreu sobre o tema Saúde, Ambiente e Cidadania, este foi o primeiro evento, no âmbito ambiental, realizado em Corinto para o professorado municipal. A Casa



Maria Helena V. Simonassi: o evento vai mudar meu conceito sobre meio ambiente

de Cultura Dr. Raimundo Lima foi pequena para receber os 200 participantes, êxito que a secretária municipal de Educação, professora Maria Vera Pimenta atribui a dois fatores: à importância

do tema e ao nível de consciência e interesse dos professores. "Não há como negar, enfatiza Pimenta, hoje é impossível produzir educação de costas para as questões ambientais. É esta a conclusão a que chegamos com a realização deste encontro".

Amplitude

O seminário, cujo objetivo final foi o de incluir o meio ambiente como tema interdisciplinar nas escolas de Corinto teve uma programação que conciliou palestras, debates e trabalhos de grupo, culminando com a apresentação, em plenária, das propostas docentes de aproveitamento de vários assuntos ambientais no currículo escolar. "Essa foi a grande oportunidade que tive-



Grupo de trabalho, durante o seminário de Corinto

mos de conhecer um pouco mais sobre meio ambiente, considera a professora aposentada e líder de movimentos populares, Maria Helena Viana Simonassi. Já a engenheira sanitária, Maria Leonor Baptista Esteves, uma das palestrantes do seminário, justificou o sucesso do evento "pela forma como ele possibilitou a troca de experiências entre os diversos segmentos envolvidos com a saúde, meio ambiente e educação". Além de Leonor, que falou sobre o tema "Água", os outros palestrantes foram o

arquiteto Paulo Dimas R. de Menezes e a liderança comunitária Edina Teixeira Barbosa, do Movimento Cidadania pelas Águas (Belo Horizonte), e a engenheira da SLU (Serviço de Limpeza Urbana), Sinara Chenna, que, respectivamente, falaram sobre "Ecologia Humana" e "Resíduos Sólidos". Nos intervalos do seminário houve exposição de pintura sobre meio ambiente da artista plástica Sônia Menezes e apresentação musical das cantoras Patrícia Ferreira de Andrade e Nádia Prado.

Estudo

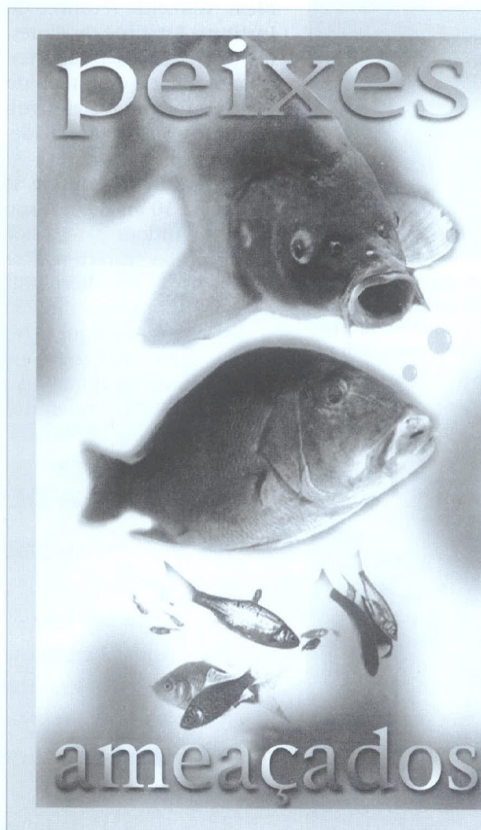
Três Marias, em Minas Gerais, e Campo Grande, em Mato Grosso do Sul, foram as duas cidades brasileiras que receberam, durante 90 dias, curso de criação e preservação de peixes nativos, promovido pela World Fisheries Trust, (WFT) organização não-governamental canadense, de Victória, Columbia Britânica. O curso faz parte de um amplo projeto de conservação de peixes nativos, destinado a cientistas brasileiros.

Até o final do próximo ano, a WFT deverá realizar no país diversas ações como campanha de conscientização sobre a conservação do patrimônio natural, workshop sobre políticas de conservação de peixes, etc. O projeto "Conservação de Recursos Genéticos de Peixes Migradores do Brasil (orçado em US\$ 1,4 milhões), tem a parceria da PUC-Minas, UFMG e universidades federais de

Santa Catarina e Mato Grosso do Sul. Participam ainda a Embrapa, Codevasf, Ibama e Fundação Biodiversitas.

Propam

Um consórcio entre as prefeituras de Belo Horizonte e de Contagem, empresas públicas e privadas, universidades, clubes de serviço, entidades de classe e associações comunitárias, é um dos caminhos caseiros que o prefeito Célio de Castro tem para a implantação do Propam (Programa de Desenvolvimento e Recuperação da Bacia da Pampulha), megainvestimento de recuperação dos cursos d'água e saneamento completo da Lagoa da Pampulha. A Câmara dos Vereadores já está de posse do projeto de lei que cria o consórcio. Enquanto isso, a Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SMA) aguarda, para breve, o início da primeira etapa do Propam.



■ Se Minas Gerais fosse um país, seria o 12º colocado em número de espécies no mundo. Temos aqui cerca de 400 espécies de peixes.

■ No ranking mundial, o Brasil ocupa o 1º lugar, com três mil espécies. Em seguida, vem a Indonésia, com 1.300 espécies.

■ Em 1970, a produção de peixes no rio São Francisco era de 25 Kg/pescador/dia. Em 1999, caiu para 11Kg/pescador/dia.

■ O Brasil importa US\$ 400 milhões/ano de pescado e exporta menos da metade. (IBGE, 1995)

■ As causas da debilitação da pesca no Sudeste são a construção de hidrelétricas, a pesca predatória, legislação e fiscalização inadequadas e o aumento da poluição agrícola, urbana e industrial.



Secretário Estadual de Meio Ambiente, Tilden Santiago

Quem é quem no Meio Ambiente em Minas Gerais

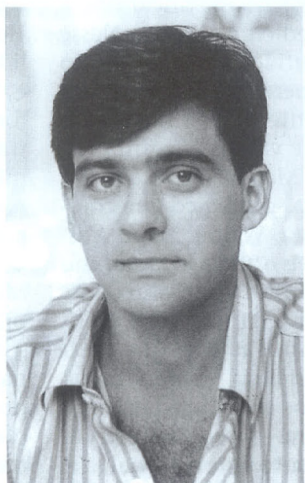
Até o ano 2.002 e com o desafio de comandar as questões ambientais em Minas Gerais, Tilden Santiago, José Cláudio J. Ribeiro, João Bosco Senra e Evandro Xavier Gomes, assumiram, respectivamente, a Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad) e os órgãos a ela vinculados, Fundação Estadual de Meio Ambiente (Feam); Instituto Mineiro de Gestão das Águas (Igam) e o Instituto Estadual de Florestas (IEF). Frente à experiência e competência que lhes sobram, não há como negar, se contrapõem problemas diversos, de natureza diversa, sem contar a falta de recursos financeiros que habita a administração pública.

Às vésperas da virada do século, os quatro executivos assumem a condução oficial de uma política ambiental notadamente polêmica.

A eles nossos votos de uma feliz e eficiente administração.



Presidente da Feam, José Cláudio J. Ribeiro



Diretor Geral do Igam, João Bosco Senra



Diretor Geral do IEF, Evandro Xavier Gomes

Suite

Água de Menos

Considerando a situação atual, tudo indica que no ano 2.025, dois terços da população mundial não terão água para consumir. A informação é da Unesco, órgão da ONU, que faz questão de prevenir as pessoas, instituições e governos quanto a iminência do caos. Segundo a organização, a partir de 2.025 a crise deve se ampliar, quando condições climáticas desfavoráveis vão reduzir os níveis de chuva e aumentar a evaporação. Com 50% a mais de pessoas para alimentar em relação a de hoje, o volume de água teria que dobrar para fazer frente às demandas de consumo.

Omissão

Recebemos um providencial puchão-de-orelha pelo fato de termos omitido o nome de Carla Coscarelli no expediente do Manuelzão. Logo ela que, com competência e talento criou a logomarca do Jornal. Programadora visual de mão cheia, artista que é, ela saberá entender que a falha merece perdão. E claro, não se repetirá.

Bom exemplo

A Emater de Corinto, com o apoio da prefeitura local e da Comunidade Mimoso, está implantando, naquela região, o ambicioso Projeto de Recuperação e Preservação do Córrego Mimoso (sub-bacia do Rio das Velhas). Até junho do próximo ano, época em que encerra a implantação do projeto, estima-se que já estarão construídos 20 mil metros de terraceamento, produzidas 1.200 toneladas de milho, implantada horta comunitária, a criação de 12 aves caipiras e a de um viveiro de mudas de cana-de-açúcar em soja. Tudo isso será feito sem agredir o equilíbrio ecológico da região e com o objetivo de melhorar as condições de vida das pessoas.

Baleias

Com um abaixo-assinado e muita mobilização social junto à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), militantes da organização ambientalista brasileira Greenpeace estão buscando apoio para criar áreas de proteção de baleias no Atlântico Sul. A denúncia contra a pesca ilegal de baleias será reforçada com um documento assinado por 50 mil pessoas a ser entregue ao presidente Fernando Henrique Cardoso, na 51ª Reunião Anual da Comissão Baleeira Internacional, que vai acontecer, neste mês, em Granada.

Retificação

O Projeto Manuelzão esteve presente na solenidade de reinauguração do Parque Nacional da Serra do Cipó, localizado no município de Santana do Riacho. Presidiu o evento o atual secretário-executivo do Ministério de Meio Ambiente, José Carlos Carvalho, na foto, entre os acadêmicos do Manuelzão, Marcelo Militão Abrantes (à esq.) e Fabiano Amaral Fulgêncio da Cunha. Na edição anterior confundimos José Carlos com Jader Figueiredo, superintendente regional do Ibama.



Funilândia muda conceito de saúde pública

Um diagnóstico sócio-sanitário vai indicar as estratégias de ação mais adequadas na cidade de 3 mil habitantes, que passa a integrar o Projeto Manuelzão

Funilândia, município de 3 mil habitantes, localizada a 90 Km de Belo Horizonte, é a mais recente área de atuação do Projeto Manuelzão. Nessa primeira fase de trabalho, iniciada há pouco mais de um mês, está sendo aplicado um diagnóstico para avaliar as condições sócio-sanitárias e ambientais da região, com enfoque especial para o abastecimento d'água e a questão do lixo. Para o coordenador do Projeto Manuelzão, professor Antônio Leite Alves, que também trabalha nos municípios de Várzea da Palma e Lassance (320 Km de Belo Horizonte, no Norte de Minas) a escolha crite-

riosa de Funilândia se deve a dois fatores básicos: ao interesse manifestado pela prefeitura local e aos espaços de trabalho na área ambiental. "Nossa expectativa é a melhor possível", assegura Antônio Leite.

Renascer

Além do diagnóstico, que possibilita às acadêmicas de medicina Suélem Simões Mól e Letícia Paiva Franco terem uma visão global de suas áreas de atuação, outras atividades já estão em andamento. A exemplo de Funilândia (sede) a comunidade de São Bento, distante 10 Km, está recebendo consultas e orientações médi-



Prefeito Adir Marcos Rocha

cas, ações que se somam ao trabalho preventivo com grupos de hipertensos, diabéticos e de 3ª idade.

Na interpretação das universitárias, hoje cursando o 11º período, o Projeto Manuelzão é

uma forma desestigmatizada de fazer medicina. "Isso nos dá a chance de avançar muito além do conhecimento obtido em sala de aula. Com o apoio da administração pública de Funilândia, temos certeza de que fa-

remos um bom e amplo trabalho de saúde ambiental", esperam elas. Intransigente na defesa do Projeto Manuelzão, o secretário municipal de saúde da cidade, médico Lorival Freire de Andrade Filho, não só ratifica as falas das estudantes Suélem Simões e Letícia Paiva, como insiste na tese de que a atuação do Projeto está provocando um renascimento de Funilândia. Já o prefeito Adir Marcos Rocha, reconhecidamente um defensor da saúde pública como resultante de ações ambientais mais amplas, admite que o trabalho do Projeto Manuelzão, "pela seriedade que é feito, já está com êxito assegurado".

Projeto Manuelzão inicia 99 com Reunião Preparatória de Alunos

Expectativa dos alunos é realizar atividades que mudem o estigma da medicina tradicional

"Pior do que o agrotóxico, o lixo e o esgoto que caem nos rios, é a nossa civilização que permite esse tipo de coisa". Foi com essa contundente denúncia, que o professor Apolo Herin-

ger Lisboa deu início à 1ª Reunião Preparatória do Projeto Manuelzão, edição 99, realizada no início de março, na reitoria da UFMG. Trinta alunos do 11º período de medicina e mais três médicos

estrangeiros (buscando a revalidação do diploma) participaram do evento, cujo objetivo é orientar os acadêmicos sobre a proposta de atuação do Projeto.

Esperança

Belo Horizonte, Pedro Leopoldo, Cordisburgo, Santana do Riacho (sede) e distrito de Cardeal Mota, Funilândia, Curvelo, Corinto, Lassance e Várzea da Palma são os municípios que integram a bacia hidrográfica do Rio das Velhas e que, de março a maio, receberão esta turma de acadêmicos de Medicina.

A perspectiva de uma atuação médica diferenciada é, segundo os alunos, a principal motivação que a Reunião Preparatória oferece. "A possibilidade de realizarmos um trabalho voltado para o global do ser humano, afirmam eles, num enfoque ambientalista, é fundamental para desmistificarmos a medicina clássica. Nesse sentido, estamos muito esperançosos, independente das dificuldades que vamos encontrar".

Mais sucinto em sua fala, o médico-ginecologista Walter Perez Vasques, que vai atuar no Conjunto Felicidade, periferia de Belo Horizonte, admite que a experiência com o trabalho será fundamental para o seu aperfeiçoamento profissional. "A organização e o conteúdo do evento nos dá

uma visão bastante aproximada das ações de campo", acredita Vasques.

A novidade da Reunião foi a apresentação feita pelo arquiteto Paulo Dimas R. de Menezes e pela liderança comunitária Edina Teixeira Barbosa, do Movimento Cidadania pelas Águas, da Vila Ouro Preto, em Belo Horizonte. "Resíduos Sólidos", "Elemento Água", e "Plantas Medicinais", foram temas das palestras dos engenheiros sanitaristas Marcelo Libânio e Sinara Chenna. A professora da Faculdade de Farmácia da UFMG, Maria das Graças Lins Brandão abordou o assunto "Plantas Medicinais". O evento terminou com um debate em plenário, seguido dos trabalhos de grupos, formados em função das áreas de atuação.



Alunos e supervisores do Projeto Manuelzão, na Reunião Preparatória, na sala de reuniões da Congregação da UFMG

P.e.r.f.i.l

De Vespasiano para o mundo: Luiz Gonzaga adota o Ribeirão da Mata

p/ Rogério Bastos

Sensibilidade, indignação e interesse. Nada mais do que isto foi preciso para que Luiz Gonzaga Santos Rocha, 62 anos, adotasse o Ribeirão da Mata, afluente do Rio das Velhas, de 72 Km de extensão, que nasce em Capim Branco e deságua poluído em Santa Luzia. Embora tenha nascido em Vespasiano há 60 anos, este aposentado por invalidez, que perdeu a perna direita num atropelamento – daí explicar parte de sua militância ecológica –, ainda é visto como uma ovelha negra social por uma meia dúzia de empedernidos. "Isso faz parte do jogo,

ta e transforma matéria prima em arte, o artesão Luiz Gonzaga, casado com Margarida Helena de Souza Rocha e pai de um casal de filhos, faz questão de esclarecer que não há nenhuma contradição em militar pela preservação do Ribeirão da Mata e atuar como assistente técnico da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Vespasiano: "uma coisa não impede a outra, defende-se. Na prefeitura sou agente educador, formador da consciência futura de cerca de 20 mil alunos de 1º e 2º graus, através da realização de palestras, exibição de filmes, atividades culturais,

infância, cansou de nadar e pescar no Ribeirão da Mata, motivo pelo qual não abre mão em defendê-lo contra qualquer ação degradante, que ele atribui ao processo de industrialização e urbanização desordenado a que estão submetidos os 10 municípios cortados pelo ribeirão. Como a lógica do desenvolvimento inescrupuloso não exclui os desmates, assoreamentos e poluentes industriais, não deu outra: uma enchente, há dois anos, quase arrasou as cidades banhadas pelo afluente. "Daí para as brigas com as mineradoras instaladas em Vespasiano, foi um pulo. Briguei o suficiente, mobilizei toda a comunidade local para mostrar que desenvolvimento e qualidade de vida não são incompatíveis".

Valeu a pena? "Pelo menos em nossa cidade, a incidência de poluição diminuiu muito, embora não tenha atingido o nível ideal. As grandes indústrias daqui já têm suas ETE's próprias. O abraço simbólico que Vespasiano deu no Ribeirão, em junho de 98, mostrou um elevado nível de consciência ecológica", pondera o ambientalista.

Luiz Gonzaga Santos Rocha, sem nenhuma intenção secundária, é um exemplo de cidadania num país desequilibrado, de 499 anos de idade e 177 de emancipação política. Nesta nação de talheres de prata e colheres de pau, não deixa de ser um pecado original querer ver um Ribeirão da Mata correr livre, puro e belo. É uma forma parcialmente anônima, minimalista de lutar pelo bem comum. Cada vez que Luiz Gonzaga limpa o Ribeirão dos dejetos humanos e industriais e que o protege dos assoreamentos com o plantio de árvores, ele está dizendo que o contrapoder do século XXI depende muito mais do envolvimento pelas causas coletivas, vindo de fora das clássicas estruturas. Apesar da meia dúzia de empedernidos, sempre pusilânimes, a espreitá-lo de longe.



Luiz Gonzaga, às margens do Ribeirão da Mata

escamoteia ele, com um ar de humor e sabedoria, ao lado dos 56 certificados, diplomas, cartas e reportagens de reconhecimento pela sua intransigente e exemplar luta pelo meio ambiente, iniciada entre tapas e beijos desde 1992, quando comunicou ao mundo da degradação ambiental, sua decisão de adotar o Ribeirão que corta, suja e indica o nível de consciência ecológica de Vespasiano.

Nessa entrevista concedida ao MANUELZÃO em sua oficina onde produz, conser-

pesquisas de campo, etc, etc. Fora da prefeitura, enfatiza orgulhoso, dou continuidade a um trabalho iniciado em 1982, reforçado e ampliado 10 anos depois com o diagnóstico que fiz sobre a realidade do Ribeirão. De lá para cá não parei mais. Nesse interim ainda fui presidente do Conselho de Desenvolvimento de Meio Ambiente (Codema) de Vespasiano", conta ele.

Avesso à política partidária, apesar dos inúmeros convites, o librisano Luiz Gonzaga nos conta que, na

Raízes da Vida

Geplant *

Riquezas do cerrado mineiro

Diversas estimativas revelam que o cerrado é uma das áreas de vegetação com um dos maiores índices de biodiversidade vegetal. Isto significa que existem ali um grande número de espécies diferentes de plantas e, com isto, muitas que são medicinais. Algumas espécies são muito frequentes no cerrado mineiro, por exemplo, a "mamacadela" (*Brossimum gaudichaudii*), a "aroeira" de casca vermelha (*Schinus terebinthifolius*), o "barbatimão" (*Stryphnodendron barbatiman*), a "douradinha-do-campo" (*Paliourea sp.*) e a "faveira" (*Dimorphantra mollis*).

Estas plantas têm hoje um grande valor comercial por conterem substâncias químicas com propriedades medicinais comprovadas, e de interesse das indústrias de medicamentos. A "mamacadela", por exemplo, contém substâncias chamadas furanocumarinas, que são utilizadas no tratamento do vitiligo, uma doença que ocasiona manchas na pele; a "aroeira" e o "barbatimão", contém grande quantidade de taninos, substâncias adstringentes e eficazes como cicatrizantes, e a "douradinha" contém metilxantinas, que são estimulantes e diuréticas. A "faveira" contém a rutina (flavonóide), uma substância química útil no tratamento de varizes e hemorróidas.

Espécies como as citadas acima eram, até recentemente, bastante abundantes no cerrado de Minas Gerais. No entanto, o progresso desordenado e a vasta utilização das plantas nativas para a produção de carvão, levou drasticamente à sua redução. Não permita que estas e outras espécies da nossa flora nativa continuem a ser indevidamente exploradas e destruídas! Ajude a preservar a nossa riqueza!

Os boldos: como preparar e utilizar

Uma colher de chá (5g) das folhas dessecadas do "Boldo-do-Chile" deve ser fervida (cozida) durante 5 minutos. Deve-se tomar 1 xícara deste remédio, duas vezes ao dia, durante no máximo 3 dias. Como todo remédio à base de planta, o uso prolongado ou durante a gravidez deve ser evitado.

Os estudos farmacológicos e toxicológicos com os "falsos-boldos" ainda estão se iniciando e por isto estas plantas devem ser utilizadas com muita cautela. Existem relatos, por exemplo, que chás preparados com os mesmos são capazes de aumentar os batimentos cardíacos e isto pode ser muito perigoso.

(*) Grupo de Estudos e Pesquisas de Plantas Aromáticas, Medicinais e Tóxicas – Faculdade de Farmácia/UFMG. Coordenação da professora Maria das Graças Lins Brandão



Barbatimão, eficaz cicatrizante, encontrado em Cardeal Mota

Projeto Manuelzão/IGC analisa solo e água de Santana do Riacho

Ecoturismo e saúde dependem de obras de saneamento, indica relatório do Instituto de Geo-Ciência da UFMG

"**D**iagnóstico ambiental da sub-bacia do Córrego Riachinho" é o mais recente trabalho de pesquisa realizado pelo Projeto Manuelzão, através do Instituto de Geo-Ciência da UFMG (IGC), e que servirá de base para que a Prefeitura Municipal de Santana do Riacho (100Km de Belo Horizonte) implante, definitivamente, o projeto "Desenvolvimento do Ecoturismo Serra do Cipó", sobre o qual o prefeito Eustáquio Martins Gomes deposita todas as esperanças de redenção econômica e social de Santana. "Vamos encaminhá-lo ao ministro do Meio Ambiente, José Sarney Filho e à Secretaria Estadual de Turismo, com a esperança de ser aprovado. Aí nossa cidade será outra", acalenta o prefeito.

Infra estrutura

Iniciado em janeiro de 1997 pelo Departamento de Geografia e Geologia da UFMG, a pesquisa aplicada,



Equipe do Projeto Manuelzão/IGC, da esq. para a direita: professora Leila Nunes M. Velasques (geologia); Jomir M. Gonçalves (estagiário de geografia); os professores Antônio Pereira M. Júnior (geografia) e Alexandre Uhlein (geologia): "nosso compromisso é pesquisar e alertar"

cujo objetivo foi o de analisar a água da bacia, o solo e os recursos hídricos da região, é o suporte que a cidade dispõe para negociar futuros investimentos, espe-

cialmente na área de saneamento básico. A situação da pequena e acanhada Santana do Riacho, com apenas 3.500 habitantes, que não dispõe de água tratada e nem de rede de esgoto, é motivo de preocupação para o geólogo e professor Alexandre Uhlein: "É que o potencial turístico da cidade, denuncia ele, fica muito prejudicado pela inexistência de uma infra-estrutura mínima necessária".

A baixa qualidade da água para beber (8 coliformes para cada 100 ml), o esgoto a céu aberto e a formação calcária do solo, que facilita a entrada e a disseminação de agentes poluentes, são alguns dos resultados que a equipe do IGC obteve nas duas etapas (diagnóstico sobre a qualidade da

água e zoneamento para uso e ocupação do solo) da pesquisa. "Qualquer projeto turístico e de saúde coletiva para Santana, enfatiza a professora Leila Nunes Menegasse Velásques, tem que enfocar esses aspectos, sob pena de ficar inviabilizado. O curioso é que a região

está dentro da Área de Proteção Ambiental (APA Morro da Pedreira)", espanta Velásques.

Educativo

De posse dos resultados dessa pesquisa, que subsidia o projeto "Desenvolvimento do Ecoturismo Serra do Cipó", e da atuação do Projeto Manuelzão, há dois anos na cidade (hoje com quatro estagiários), o prefeito se considera suficientemente munido de argumentos para reverter a atual situação de Santana, que tem na Serra do Cipó (15 mil visitantes/mês) a única fonte de renda. "Com a força de nossa comunidade, aliás muito bem assistida pelas atividades educativas do Projeto Manuelzão, reforça o prefeito Eustáquio, não vamos dar tréguas para conseguir recursos". Eustáquio conta ainda com a mobilização social da Escola Municipal Santana do Riacho, que apoiou intensamente o trabalho de pesquisa do IGC. "Não vai ser por falta de parceiros que o projeto vai furar", atenua o futuro geógrafo, Jomir Martinho Gonçalves.



Eustáquio Martins Gomes, prefeito de Santana: "Com esforço e muita esperança vamos mudar a cidade"



Professora Íris de Paula Magela Silva, diretora da E.M. de Santana do Riacho